

# EDUCAÇÃO INCLUSIVA: INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NA PERSPECTIVA DE INTERAÇÃO NA ESCOLA.

Omaize da Cruz Mendes<sup>1</sup>

## Resumo

A inclusão é um assunto complexo, principalmente quando se fala inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência. O objetivo deste trabalho será, esclarecer se a inclusão de crianças portadoras de Síndrome de Down, faz diferença na aprendizagem e desenvolvimento dos mesmos e investigar que tipo de atividade são realizadas com alunos portadoras de Síndrome de Down nas escolas de ensino regular. Tais reflexões serão abordadas neste estudo, bem como dar subsídios teóricos e metodológicos. A partir do estudo, então percebeu-se que a inclusão é direito e dever de todos.

**Palavras-chave:** Inclusão, Educação e Interação.

## Abstrat

Inclusion is a complex topic; usally when talk about of inclusion of people with some kind of deficiency. The objective this job will be, identify if the elementary schools are prepared to reived students with mental deficiency, clarify, if the inclusion of children with this syndrome, do the difference on the learning and development of the same and looking for what kind of activities are performed with this students on that schools. The research methodoly wil bibliographic, wit fieldwork and their data with qualitative analyses. The rearch wont show the results for being in running. We can conclude at the moment that the inclusion is a right and obligation of eeverione.

Keywords: inclusion, mental deficiency, special education,ey.

---

1 Concluyente do curso de Pós-Graduação

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar a importância da inclusão de crianças com Síndrome de Down na perspectiva de Interação na Escola. Com a obrigatoriedade, gratuidade, igualdade e permanência do aluno garantido em lei, a instituição escolar abre as portas aos alunos com necessidades especiais. Neste sentido, a escola traz ideias voltadas para valorização do ser humano do que e diferente dos olhos do que acho que é normal e luta pelo

fim do preconceito. Por isso, o tema se torna muito importante nos dias de hoje e de uma pedagogia inclusiva.

Inclusiva significa companheirismo, respeitar o outro, aceita e ser aceito. A escola jamais poderá trabalhar esse processo de forma isolada, ou seja, precisa da contribuição tanto da família como da sociedade. A família é o primeiro e o mais importante contato da criança com Síndrome de Down com o mundo e suas relações, dando-lhe suporte para a ampliação do contato social com os elementos da sociedade, juntamente com a escola num movimento integração.

Consta em Brasil(1989), na lei nº7.853 o direito a inclusão dentro do sistema educacional, entendido como a rede regular de ensino, à modalidade de educação especial para crianças na pré-escola, educação precoce, e quando jovens e adultos, o direito do ensino médio. Visto que todo esse acesso deve ser preferencialmente gratuito em escolas públicas. Então lei assegura a educação das pessoas com necessidades, e mais oferece programas de educação em unidades hospitalares para aqueles que por algum motivo estiver hospitalizado por um tempo de um ano ou mais.

A figura mais importante neste estudo é do professor, o professor é o melhor formador de opinião, e a pessoa que irá desenvolver as habilidades deste alunos. A empatia deve prevalecer, conhecimento real da inclusão destes alunos quais sejam, lidar com as diferenças e preconceitos por parte de pais e alunos. Entretanto, com as expectativas e possíveis frustrações dos familiares portadores da síndrome, com as limitações e alcance dos próprios portadores, dentre outras.

Visto disso, o professor deve ser o detentor de conhecimentos teóricos específicos com fundamentos médicos, psicológicos, pedagógicos e sociólogos. A fase da Educação Infantil tem por objetivo promover a criança maior autonomia, experiência de interação social e adequação, permitindo que esta se desenvolva em relação a aspectos afetivos e cognitivos, que sejam espontâneas e antes de tudo, sejam crianças.

A sociedade tem dificuldade para conviver com as diferenças, isolando na maioria das vezes a pessoa com deficiência, pois cada um de nós carrega ideias preconcebidas em relação às pessoas com deficiência. Entretanto, o que influenciará nas atitudes e na interação com elas, são muitas as ocorrências pelas quais a sociedade mostra sua insensibilidade, falta de conhecimento, rejeição e preconceito em relação a deficiência. Os efeitos desses sentimentos, refletem sobre a família e a escola que recebem uma criança com síndrome de Down tais ocorrências podem ser reveladas ou não.

A sociedade necessita de um amplo e contínuo esclarecimento em relação às crianças com síndrome de Down, para que mudanças atitudinais aconteçam fortalecendo as famílias e proporcionando a elas condições de interagir com a deficiência.

## **2 CONCEITO DE SÍNDROME DE DOWN E INCLUSÃO**

A palavra incluir significa abranger, compreender, somar, e é nisso que deve-se pensar quando se fala em inclusão de pessoas com deficiências, e trazer para perto, dar à ele o direito de ter as mesmas experiências, é aceitar o diferente e também aprender com ele. É importante discutir esse assunto, pois a inclusão é um direito garantido por lei a todas as pessoas com algum tipo de deficiência é incluir crianças deficientes, mais do que cumprir uma lei é permitir que ela se insira na sociedade em que mais tarde precisará conviver, é não deixa-la alienada e despreparada para uma realidade que também é sua.

A síndrome de Down é uma ocorrência genética natural e universal, estando presente em todas as raças e classes sociais. É a alteração genética mais comum, sendo registrada aproximadamente em 1 de cada 700 nascimentos. Não é uma doença e, portanto, as pessoas com Síndrome de Down não são doentes. Por motivos ainda desconhecidos durante o desenvolvimento das células do embrião são formados 47 cromossomos no lugar dos 46 que se formam normalmente. O material genético em excesso altera o desenvolvimento regular da criança.

Este material extra se encontra localizado no par de cromossomos de 21, daí o outro nome pelo qual é conhecida, Trissomia do 21. Para confirmar o diagnóstico de síndrome de Down é necessário fazer um exame genético chamado cariótipo. Até os cinco anos o cérebro das crianças com síndrome de Down, encontra-se anatomicamente similar ao de crianças normais, apresentando apenas alterações de peso, que nestas crianças encontra-se inferior a faixa de normalidade, que ocorre devido uma desacelerando do crescimento encefálico iniciando por volta dos três meses de idade. Esta declaração encontra-se de forma mais acentuadas em meninas, onde observa mas também, frequentes alterações cardíacas e gastrintestinais. Segundo SCHWARTZMAN (1999,p.47).

Segundo o autor relata que algumas evidências de que durante o último trimestre de gestação existe uma lentidão no processo neurogênese. Apesar da afirmação as alterações de crescimento e estruturação das redes neurais após nascimentos são mais evidentes e estas se acentuam com o passar do tempo.

De acordo com autor, Pueschel (2005, p.77) relata que 40% das crianças com síndrome de Down apresenta defeito no coração, os pulmões podem apresentar pressão sanguínea aumentada nos vasos e o abdômen da criança com Síndrome de Down. Na maioria das vezes, não demonstra anormalidades, os órgãos genitais de meninos e meninas podem ser pequenos.

Além disso, a maioria dos portadores desta síndrome apresenta tônus muscular pobre, força muscular reduzida e coordenação muscular limitada. Quanto as extremidades como as mãos, ressalta-se que as impressões digitais também se mostram diferentes das digitais de crianças sem a síndrome.

De acordo com o autor acima, a aparência e as funções do ser humano são determinadas principalmente pelos genes, bem como a da criança com a síndrome de Down, que conforme descrito, mostra diferentes semelhantes quando comparada com a criança que não tem esta deficiência.

(...) Embora as crianças com Síndrome de Down passem ser reconhecidas por sua aparência física semelhante nem todas essas crianças parecem iguais. Além do mais, algumas das características da criança com Síndrome de Down modificam-se no decorrer do tempo(...), (Pueschel, 2005, p.77).

Dessa forma, ressalta-se que a criança com Síndrome de Down, assim como a criança sem a síndrome, tem níveis intelectuais que, sendo ou não avançados, necessitam cada vez mais de estímulos.

### **3 O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DO PORTADOR DE SÍNDROME DE DOWN**

A escola é um canal de mudança, com isso a inclusão de crianças com Síndrome de Down na rede regular de ensino pode ser um começo para outras transformações não somente de pensamentos mais também de atitudes.

A constituição brasileira de 1988 garante o acesso ao ensino fundamental regular a todas as crianças e adolescentes, sem exceção além disso, devem receber atendimento especializado complementar de preferência dentro da escola.

A inclusão ganhou reforços com a LDB (lei de diretrizes de bases da educação nacional) de 1996 e com a convenção da Guatemala, de 2001. Sendo assim manter crianças com algum tipo de deficiência fora do ensino regular é considerado diferente.

O principal motivo das crianças irem a escola, é que vão encontrar um espaço democrático, onde poderão compartilhar o conhecimento e a experiência com o diferente.

É notório que, devido as características específicas, oriundas de sua deficiência, as crianças com Síndrome de Down necessitam uma ação educativa adequada para atender suas necessidades educativas especiais (VOIVODIC, 2004:18). A criança Down apresenta muitas debilidades e limitações, assim o trabalho pedagógico deve primordialmente respeitar o ritmo da criança e propiciar-lhe estimulação adequada para o desenvolvimento de suas habilidades.

Programas devem ser criados e implementados de acordo com as necessidades específicas das crianças. Além disso, fazem necessárias modificações no sistema para que possa proporcionar uma educação de qualidade, para todas as crianças.

Existem muitos motivos para que uma criança com Síndrome de Down possa ter uma oportunidade de frequentar uma escola de ensino regular. Cada vez mais pesquisas têm sido publicadas e o conhecimento sobre as capacidades de crianças com Síndrome de Down e o potencial de serem incluídos com sucesso tem aumentado. Além disso, a inclusão traz benefícios tanto acadêmicos quanto sociais.

A inclusão bem-sucedida não acontece automaticamente, a atitude da escola como um todo é um fator significativo nesse processo. Muitos professores vão achar a ideia de incluir alunos com Síndrome de Down em suas salas preocupantes, e ficarão apreensivos no começo, porém pesquisas demonstram que a maioria dos professores tem ferramentas necessárias para atender as necessidades específicas dessas crianças e são capazes de ensiná-las efetivamente com sensibilidade.

Werneck (1993,p.56) diz que “evoluir é perceber que incluir não é tratar igual, pois as pessoas são diferentes! Alunos diferentes terão oportunidades diferentes, para que o ensino alcance os objetivos. Incluir é abandonar estereótipos”.

Embora atualmente alguns aspectos da Síndrome de Down sejam mais conhecidos e eles tenham chances de vida e desenvolvimento, uma das maiores barreiras para inclusão indivíduos ainda é o preconceito. Geralmente o preconceito é gerado por falta de informação, e até mesmo por insegurança por parte das pessoas, o ser humano tende a temer aquilo que não conhece.

É por esse motivo que a inclusão de crianças com deficiência nas escolas de ensino regular é tão importante, pois serão introduzidas de maneira mais natural possível essas pessoas na vida das crianças tidas como “normais”, e assim criará um pensamento mais consciente em nossos filhos. É preciso acreditar que a educação é algo que deve ser renovado a cada dia. A inclusão pode ser confundida com interação, mais existem diferenças entre elas. Na interação, a criança precisa se adequar a realidade da escola, já na inclusão a escola é que tem que se adequar a criança, aceita-la da maneira que ela é seja ela deficiente ou não.

Na inclusão o vocabulário é abandonado, uma vez que o objetivo é incluir um aluno ou um grupo de alunos que já foram anteriormente excluídos. A meta primordial da inclusão é não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde o começo (WERNECK,1997,p.52). Assim como o mundo vem se evoluindo, os educadores precisam fazer com que seus conhecimentos sejam passados de maneira criativa e prazerosa, não ter medo de novos desafios e caso estar pronto para receber crianças com deficiência, é saber lidar com situações adversas, o que promoverá, não somente um crescimento pessoal mais profissional.

#### **4 A ESCOLA E O PORTADOR DE SÍNDROME DE DOWN**

Um dos desejos mais comuns de educadores é de lecionar em classe homogênea, mais isso é algo bem difícil de acontecer tendo em vista que todos nós possuímos diferenças. Aceitar um aluno com deficiência pode parecer muito complicado, mas na realidade ter um aluno portador de deficiência em sua sala de aula, é aceitar que todos de alguma forma são diferentes uns dos outros e ter direitos e oportunidades iguais.

Existem limites que os deficientes precisam enfrentar, mas essas limitações se tornam mais simples pra se conviver quando as pessoas que vivem ao lado deles aceitam a sua deficiência como algo diferente mais natural. A criança com Síndrome de Down inclusa na escola de ensino regular tem grandes chances de melhor se desenvolver porque esse ambiente para ela

certamente será mais desafiador, do que para outros alunos sem deficiência, e é isso que vai servir de estímulo para que se desenvolva.

E comum ser individualista, principalmente quando o assunto é deficiência, geralmente as pessoas só se dão conta de que estão, direta ou indiretamente excluído o deficiente da sua convivência quando se depara com o problema dentro da sua casa ou família. Muitos pais se desesperam ao saber que seu filho tem algum tipo de deficiência, principalmente por não saber como agir em uma situação como essa, mas esse problema poderia ser amenizado se vivêssemos em uma sociedade mais consciente e preocupada com o próximo, pois uma das preocupações mais comuns de pais e crianças com deficiência é as discriminações e exclusões que seu filho sofrer por causa da sua deficiência.

A aprovação da Lei de Diretrizes Educacionais LDB (lei 9394/96) estabeleceu, entre princípios, o de "igualdade e condições para o acesso e permanência na escola" e adotou nova modalidade de educação para educando com necessidades especiais. Desde então, a temática da inclusão vem rendendo, tanto no acadêmico quanto na própria sociedade, novas e acaloradas discussões embora, ainda, carregue, consigo sentidos distorcidos.

De acordo com uma pesquisa realizada em 1999 pela Federação das Associações de Síndrome de Down, a única realizada no Brasil até o momento, quase 80% das pessoas com Síndrome de Down frequentavam a escola no momento da pesquisa. Por outro lado, atualmente, no ensino regular, a criança deve adequar-se a estrutura da escola para ser integrada com sucesso. O correto seria mudar o sistema, mas não a criança. No ensino inclusivo, a estrutura escolar é que se deve ajustar às necessidades de todos os alunos, favorecendo a integração e o desenvolvimento de todos, tenham ou não necessidades segundo SCHWARTZMAN (1999,p.253).

Aceitar a inclusão e antes de tudo aceitar que vivemos em uma sociedade onde as diferenças são reais e devem ser respeitadas. Entretanto, o que é diferente causa medo, desconfiança, mas quando percebemos tudo de novo é interessante que podemos aprender e passar para o outro conseguimos ver que não estamos fazendo caridade mas, dando e recebendo na mesma medida.

## **5 MÉTODOS DE APRENDIZAGEM QUE PODEM SER UTILIZADOS NA ESCOLA COM CRIANÇAS DE SÍNDROME DE DOWN**

A criança com Síndrome de Down aprende num ritmo diferente das outras crianças mais isso não significa que ele não vai aprender, e sim que ele necessita de mais estímulos do que as outras crianças para chegar a aprendizagem.

É perfeitamente possível que uma pessoa com Síndrome de Down chegou a cursar faculdade, fazer cursos profissionalizantes enfim se tornar um profissional tudo vai depender do grau da sua deficiência e também dos estímulos e oportunidades que serão dadas a essa pessoa. Assim, observa-se a importância do conhecimento, da sensibilidade, da paciência e do compromisso do educador para com a criança com necessidade educacional especial (NEE).

(...) o vocabulário se desenvolve como resultado da experiência e da integração neurológica. Deve-se proporcionar às crianças oportunidades educacionais variadas, como base do desenvolvimento da linguagem. O ensino diretivo de substantivos básicos através de recursos concretos, imitações e técnicas de reforçamento deve: ser verbos, advérbios (Valett, 2002, p.243).

Dessa maneira, é notória a influência os recursos metodológicos no desenvolvimento da linguagem expressiva e receptiva da criança que apresenta transtorno da linguagem. Para estimular o vocabulário prático o profissional da educação pode proceder apresentando objetos concretos e variados para a criança, tais como: livros, lápis, papel, etc, fazendo com que a criança toque nos objetos e depois diga os respectivos nomes.

Usar exercícios (Mnemônicos) para memorizar os nomes e outra opção. Ainda é possível fazer figuras grandes de objetos comuns, apresentar para o aluno e em seguida mostrar cartões com os nomes das figuras, depois dizer o nome do objeto que foi apresentado e finalizar com a imitação verbal feita pela criança. Partindo deste pressuposto, Gomez (p.285), esclarece algumas atividades para a estimulação fonológica como, por exemplo: inflar balões, fazer bolinhos de sabão, fazer uso de flauta, emitir os fonemas N-D-T-R-S-CH-, utilizar lentes de aumento para observar sementes, folhas, insetos e outros, pedir às crianças que descrevam suas características, pedir ao aluno que conte uma história, repetir sílabas com significado, por exemplo: sol, ele, me, etc, imitar os sons de animais ou de carros.

Assim, pode-se perceber que os exemplos de atividades que aqui foram citados podem ser utilizados pelo educador dentro e fora da sala de ensino regular, uma vez que o docente pode aplicar uma metodologia mais dinâmica que desperte no aluno o lado efetivo que por sua vez irá implicar no cognitivo. Nesse caso, a criança aprende a se comunicar a partir do interesse, pelo que está sendo ensinado.

Estas atividades são de grande valor para qualquer criança que se encontre na fase de desenvolvimento da linguagem verbal, principalmente para a criança que apresenta a síndrome de Down, uma vez que a maioria das vezes ela demonstra ter dificuldades na fala, fator que quase sempre está correlacionada às características do maxilar como a fraqueza muscular, entre outras. A educação da criança com síndrome de Down, apesar de sua complexidade, não invalida a afirmação de quem tem possibilidade de evoluírem. Com o devido acompanhamento, poderão torna-se cidadãos úteis à comunidade, embora seus progressos não atinjam os patamares das crianças normais. (SCHWARZMAN, 1999, p.262)

Embora a ideia de ter uma sociedade mais consciente e com direitos iguais para todos pareça uma utopia estamos caminhando, devagar, mas aos poucos se pode ir alcançando os objetivos. Está se passando por um processo de conscientização, e isso leva tempo, mudar a ordem natural das coisas exige comprometimento e esse comprometimento deve ser de toda a sociedade a fim de que todos se beneficiem por igual.

A inclusão de crianças com Síndrome de Down na rede regular de ensino, trará benefícios a esse pequeno cidadão que aprenderá desde cedo a ser autônomo, independente e a saber viver em sociedade e esse direito não deve ser de maneira alguma negada a ele. Em relação aos

educadores a maior conquista na inclusão está em conseguir garantir a todos os direitos da educação.

Se a escola prepara seus alunos para o futuro ela pode ficar parada no tempo, tem que evoluir junto com eles e dar a todos o mesmo preparo, aceitar a diversidade evita a exclusão e contribuir para o sucesso dos alunos. A filosofia da inclusão, por sua vez, precisa ser interpretada, divulgada e planejada corretamente, afim de produzir resultados adequados. Neste sentido, campanha de esclarecimento sobre a educação inclusiva, levada a efeito pelos setores público e privados junto a sociedade, muito contribuirá para torna-la realidade. Fazer com que crianças com Síndrome de Down sejam incluídas é uma tarefa fácil, levando-se em conta que se vive em sociedade onde os estereótipos falam mais alto do que os direitos humanos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Falar sobre inclusão hoje em dia é muito comum mais é preciso que haja mais do que menos discursos, é necessário antes de tudo uma mudança de pensamento da sociedade em relação, as escolas precisam mudar sua postura de querer jogar toda a responsabilidade para as instituições de educação especial, os educadores devem se preparar mesmo que não haja nenhum aluno com deficiência em sua turma, os pais devem ensinar aos filhos o respeito ao próximo seja quem for e como for, e a sociedade deve cobrar dos órgãos competentes ações que proporcionem a inclusão. Todas as mudanças de comportamento e de pensamentos necessários para que a inclusão seja eficaz em nossa sociedade, assim exercendo o ofício da cidadania, e melhorando o ambiente em que vivemos. Todos os indivíduos, com deficiência ou não, devem ter seus direitos respeitados e suas necessidades educativas atendidas.

A educação como outras áreas da sociedade é grande responsável por essas mudanças de comportamento, uma de suas missões é a de passar informação, que é uma das formas mais simples de se combater o preconceito. A inclusão só deixará de ser sonho, quando todas as pessoas com algum tipo de deficiência tiverem de fato as mesmas oportunidades, seja na educação ou no trabalho, em todos os campos em que a sociedade nos permite estar. Todos os indivíduos, com deficiência ou não, devem ter seus direitos respeitados e suas necessidades educativas atendidas.

## **REFERÊNCIAS**

VYGOTSKY, L.S. (1988). **A formação social da mente**. São Paulo

VALETT, Robert. E. **Tratamento de distúrbios da aprendizagem: manual de programas psicoeducacionais**. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

VOIVODIC, Maria Antonieta. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. Petrópolis, Rj: vozes, 2004.